



Afrocentricidade, memória e informação

Afrocentricity, memory and information

Camila Araújo Sá ^{a,*} 

Marivalde Moacir Francelin ^b 

RESUMO: Destacando a via afrocêntrica do pensamento, este artigo analisa os conceitos de memória e patrimônio afro-brasileiro no contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Pergunta como a temática cultura afro-brasileira é abordada na literatura especializada da área. A hipótese principal baseia-se no fato de que o processo histórico de escravização e racismo escamoteou os saberes negros, reduzindo-os a uma presença à margem do núcleo acadêmico-científico dominante. Trata-se de pesquisa exploratória, qualitativa e reflexiva, fundamentada em levantamento e revisão da literatura da área. Foi usada a filosofia Sankofa para nortear a construção do artigo e a exposição dos argumentos. As pesquisas estão voltadas para a compreensão dos paradigmas científicos na Ciência da Informação, para a ausência de teorias e metodologias no tratamento da informação etnicorracial, para a necessidade de inclusão de conteúdos afrocêntricos no ensino, para a introdução da temática na pesquisa de pós-graduação e para a formação de um profissional capacitado para atuar no desenvolvimento de acervos cultural e socialmente representativos. A discussão dos resultados baseou-se nas categorias desenvolvidas na revisão e naquelas que foram identificadas no corpus de análise. Concluí que há uma ênfase em afirmar a necessidade de inclusão das memórias e dos conhecimentos da população afro-brasileira em ambientes institucionais, como universidades e unidades de informação. Contribui ao evidenciar que a pluralidade e diversidade na formação do pensamento, nos ambientes de preservação de memórias e disseminação de saberes dependerão de ações e atitudes cada vez mais práticas.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Paradigma; Memória; Informação; Biblioteca; Afro-brasileiro.

ABSTRACT: Highlighting the Afrocentric way of thinking, this article analyzes the concepts of memory and african-Brazilian heritage in the context of Library and Information Science. Asks how the theme of Afro-Brazilian culture is addressed in the specialized literature of the area. The hypothesis is that the historical process of enslavement and racism concealed black knowledge, reducing it to a presence on the margins of the dominant academic-scientific nucleus. The research is exploratory, and the method used was qualitative and reflective, based on a literature review. A survey of scientific articles on the topic was also carried out in the BRAPCI database. The Sankofa philosophy was used to guide the construction of the article and the presentation of the arguments. The research is focused on understanding the scientific paradigms in Information Science, the absence of theories and methodologies in the treatment of ethno-racial information, the need to include Afrocentric content in teaching, the introduction of the theme in graduate research and for the formation of a capable professional to act in the development of culturally and socially representative collections. The discussion of the results was based on the categories developed in the review and those identified in the analysis corpus. It concludes that there is an emphasis on affirming the need to include the memories and knowledge of the Afro-Brazilian population in institutional environments, such as universities and information units. It contributes by showing that plurality and diversity in the formation of thought, in environments for the preservation of memories and the dissemination of knowledge will depend on increasingly practical actions and attitudes

Keywords: Afrocentricity; Afro-Brazilian; Paradigm; Memory; Information; Library.

^a Serviço Nacional do Comércio, São Paulo, SP, Brasil.

^b Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Camila Araújo Sá. E-mail: cami-araujo@live.com.

Recebido em/Received: 21/04/2021; Aprovado em/Approved: 16/09/2021.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

INTRODUÇÃO

Sankofa significa olhar para trás, aprender com os erros do passado e fazer o que é correto no presente (Nascimento 2008). Sua representação simbólica mais comum é a de um pássaro com a cabeça virada para a cauda (Sankofa 2016). Segundo Bastos (2009) e Temple (2010), trata-se de um conceito ganense, relacionado à tradição filosófica Akan. No contexto atual é a busca e o enfrentamento da própria história em uma sociedade marcada pela opressão e pelo racismo, sendo usado como filosofia e teoria crítica de análise em diversas pesquisas e em agendas anti-hegemônicas e anti-coloniais (Stringer-Stanback 2019; Osei 2020; Wynter-Hoyte e Smith 2020).

Raptado de suas origens, o africano é inserido numa espiral de violências físicas e simbólicas. É privado de sua liberdade no dia a dia do trabalho forçado e obrigado a abandonar suas práticas espirituais, suas crenças e rituais. No Brasil uma nova categoria de povos, línguas, ritos e relações é constituída, entrecruzando saberes africanos, indígenas e europeus. Estas relações, entretanto, não foram suficientes para aplacar as divisões e hierarquias raciais constituídas historicamente como saldo da colonização e da escravização. A busca da identidade do negro é a negação do senso estético e cultural do europeu.

Para Munanga (1990, p. 111),

Esta recusa de integração que se traduz na manutenção da desigualdade por parte do dominador branco, provoca a revolta do negro e, finalmente, a ruptura com o sistema escravocrata e colonial. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de 'negritude'.

Descendentes de africanos, os afro-brasileiros, buscam, além de lutas políticas por cidadania e afirmação social, através de celebrações culturais e artísticas, elementos que constituam sua identidade. A tentativa de manutenção de práticas culturais e religiosas, a adaptação às diferenças geográficas e a criação de relações em meio às diversidades étnicas de povos e costumes provenientes de territórios africanos distintos são algumas características dos grupos afro-diaspóricos.

A constituição de uma identidade e unidade cultural envolve memórias compartilhadas, herdadas e transmitidas na coletividade das comunidades e dos territórios (Aquino, Pereira 2012; Aquino, Silva Júnior, Silva 2014; Silva, Karpinski 2018; Soares 2017). Em decorrência do processo de oralidade, estas memórias sobrevivem no imaginário, fundamental às comunidades tradicionais. Vestígios do passado são mantidos através do conto, do mito, das histórias de ninar e das músicas. Há, por

exemplo, uma presença marcante da cultura Banto no Brasil que perpassa as relações sociais, os costumes, a linguagem e a culinária. Mas, é importante dizer que essa presença é fruto de uma resistência constante destes povos contra a hegemonia europeia. Como observa Gomes (2018, p.18):

Além da retirada forçada dos povos africanos do seu território de origem, diversas formas de dominação foram utilizadas no período colonial como estratégia de apagamento das referências africanas, mecanismos de controle para conter a disseminação das línguas africanas, bem como a mescla de falantes de línguas distintas foram utilizados para evitar articulação e fuga africana.

O processo de busca por uma identidade é a vontade de pertencer a um povo e, principalmente, circunscrever uma história que positive o indivíduo e sua história. Lugares de culto sagrado como, por exemplo, a herança dos povos nagô, são vestígios da celebração religiosa do passado que se desfragmenta na nova realidade diaspórica. Ao descrever os elementos litúrgicos, é possível compreender onde se inserem os conhecimentos e as informações de costumes e tradições. Pode-se dizer que essas tradições só permanecem vivas na contemporaneidade, pois, para além da busca de uma espiritualidade ou conexão com o ancestral, esses espaços também são entendidos e mantidos como monumentos de memória.

Como é possível verificar, as questões culturais afro-brasileiras e, conseqüente, a construção da identidade, estão ancoradas nas memórias coletivas. A religião de matrizes africanas tem como princípio preservar os conhecimentos e tradições através de uma figura relevante dentro do culto. Dá-se importância à oralidade, o sacerdote ou ancião desta comunidade é responsável por manter as tradições vivas, como a escrita nunca foi relevante, a memória é um “instrumento de poder” (Lima 2015)

O escamoteamento social destas memórias e o conseqüente processo de deslegitimação por parte de setores sociais, religiosos e políticos em relação às práticas culturais dos povos afro-brasileiros passam por duas discussões. A primeira é a compreensão de um racismo inserido no contexto de relações sociais e imaginário brasileiro, este que é histórico, e ainda perpetuado tanto por instituições e pessoas. E a segunda é a experiência de colonização, como exposto anteriormente. Assim, símbolos, memórias, histórias, crenças e culturas pertencentes à população Afro-diaspórica são realocadas para um *status* de inferior ou não tão relevante para o conhecimento ocidentalizado.

Refletindo sobre a concepção política e histórica do racismo no Brasil e como ele permeia inclusive a produção dos conhecimentos, González (1988) propõe reconstruir uma categoria identitária que se desenvolve na América Latina, que também teria como peculiaridade as marcas coloniais e de um processo longo de escravização: *Amefricanidade*. A autora reitera que o processo histórico de construção de conhecimento é caracterizado pela ideologia de “branqueamento”, processo hierarquizante que, para além das pessoas, também classifica os saberes de forma

eurocêntrica, nomeando-os como “cultura popular” e “folclore nacional” e minimizando a importância dos indivíduos negros.

sabemos o quanto a violência do racismo e de suas práticas despojaram-nos do nosso legado histórico, da nossa dignidade, da nossa história e da nossa contribuição para o avanço da humanidade nos níveis filosóficos, científicos, artístico e religioso; o quanto a história dos povos africanos sofreu uma mudança brutal com a violenta investida europeia [...] e como o tráfico negreiro trouxe milhões de africanos para o Novo Mundo. (González 1988, p. 77)

As reivindicações contemporâneas perpassam por processos de reconfiguração da memória, buscando seu caráter positivo, desconstruindo o que se criou ou se consolidou negativamente, através de produção e disseminação de informações sobre esta população. Como no método *Sankofa*, Munanga diz que a construção da memória depende do passado e das experiências do presente.

No caso da sociedade afro-brasileira, como de qualquer outra, a memória é construída de um lado pelos acontecimentos, personagens e lugares vividos por este segmento da sociedade, e de outro lado pelos acontecimentos, personagens e lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por exemplo, passado cultural africano, passado enquanto escravo). O sentimento de pertencer à determinada coletividade está baseado na apropriação individual desses dois tipos de memórias, que passam, então, a fazer parte do imaginário pessoal e coletivo. (Munanga 1990, p. 113)

Essas experiências sociais, pensamentos, filosofias e modos de organização demonstram que, para a comunidade afro-brasileira, herdeira de elementos culturais distintos de diversos povos provenientes de África, a concepção de conhecimento e informação está ancorada em tradições, formas de ver o mundo e, principalmente, nas memórias que estão na origem teórica e epistemológica da afrocentricidade (Nascimento 2009). Nesse sentido, este artigo tem por objetivo buscar na Biblioteconomia e Ciência da Informação contribuições para o processo de recuperação, organização e discussão dessas memórias. A investigação utilizou estudos e pesquisas da área que tenham como enfoque os lugares de memória, a organização e a difusão das informações na perspectiva afro-brasileira.

Enquanto categoria metodológica, esta pesquisa é de natureza qualitativa. Como relatam Silva, Pizarro e Saldanha (2017), a pesquisa qualitativa necessita de um corpus menor, porém, decidiu-se pelo uso de um conjunto bibliográfico mais ampliado, encontrado por meio de levantamento temático e selecionado de acordo com os objetivos propostos. Em revisões prévias, identificou-se a prevalência do tema *afro-*

brasileiro, mas não do termo “afro-brasileiro”. Mesmo que pesquisas como as Ortolan, Silva, Alves e Martínez-Ávila (2017) tenham identificado as palavras-chave mais frequentes sobre tema *negro* na Ciência da Informação, optou-se pela expressão de “afro*” nos campos resumo, palavras-chave e título para a busca na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). Também foram realizadas pesquisas seletivas no Google Acadêmico com termos relacionados à temática central do artigo. O processo de análise partiu de uma reflexão sobre os estudos voltados para a “predominância do discurso eurocêntrico sobre o discurso afrocêntrico” (Silva Júnior, Severo, Aquino 2013, p.80), discutindo especificamente os paradigmas etnicorraciais, a experiência da memória e a representação dos saberes afro-brasileiros na organização do conhecimento, a prática do ensino e a construção de acervos.

PARADIGMAS E INFORMAÇÃO ETNICORRACIAL

Observando como se dá a inserção das temáticas africanas e afro-brasileiras na Biblioteconomia e Ciência da informação, Silva, Pizarro e Saldanha (2017) analisam o surgimento e os paradigmas de ensino no campo biblioteconômico brasileiro. Saindo no “enclavo do lastro crítico no plano epistemológico e historiográfico”, os autores chamam a atenção para a “ausência” de historicidade, para o “silêncio” e para o “paralelismo” dos discursos científicos do campo (Silva, Pizarro, Saldanha 2017, p.3).

Mesmo com tais silêncios e ausências históricas, a literatura também indica que o paradigma científico de pesquisa tem se modificado recentemente nas áreas de ciências humanas. É possível observar dentro da Ciência da Informação, por exemplo, pesquisas voltadas à percepção de identidades distintas, compreensões que se dão através de embates ideológicos e de militâncias que, de acordo com Santana, Oliveira e Lima (2016), buscam a implementação de políticas públicas. Os autores destacam que existe um aumento das pesquisas e do conhecimento sobre as “minorias sociais” e que esse crescimento se reflete em termos de indexação como “diversidade, desigualdade, tolerância, respeito e direitos humanos” (Santana, Oliveira, Lima 2016, p.3). Porém, da mesma maneira que Silva, Pizarro e Saldanha (2017), Santana, Oliveira e Lima (2016) põem sob “suspeita” essa realidade de conquistas e avanços.

Por isso, os processos que invisibilizaram ou retiraram o negro como parte fundamental da construção do conhecimento estão na própria gênese e constituição do Brasil, que mesmo tendo uma diversidade sociocultural no seio de suas pluralidades abriga muitas tensões raciais (Aquino 2010, 2013; Aquino, Costa, Wanderley, Bezerra, Lima, Santiago 2007; González 1988; Santana, Oliveira, Lima 2016; Silva, Pizarro, Saldanha 2017). Na realidade das ausências e das suspeitas estão as formas de hierarquização que contribuíram para colocar a representação dos saberes e das identidades negras e indígenas como inferiores a saberes e identidades europeias.

Expressa na história e, contemporaneamente, através de dados estatísticos que demonstram enormes diferenças sócio-políticas e econômicas, a desigualdade étnico-

racial criou três efeitos que se alimentam mutuamente na Ciência da Informação: a falta de indivíduos negros nas Universidades, como pesquisadores e produtores de sua própria história (Aquino 2010); a ausência da temática no ensino (Silva, Lima 2019); (Silva Júnior, Severo, Aquino 2013); e o não suprimento da necessidade informacional da população negra (Aquino 2013).

Cientes das problemáticas referentes à sub-representação ou até mesmo sobre o apagamento destas memórias, também são encontradas investigações sobre conceitos e metodologias com enfoque na temática “*etnicorracial*”. Reiterando o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, Oliveira e Aquino (2012) dizem que este poderia ser um campo para costurar as relações entre informação, raça e etnia. Porém, os autores constataam a ausência do termo “*informação etnicorracial*” e propõem sua conceitualização a partir da Teoria do Conceito de Dahlberg. Isto é, utilizam um método lógico-analítico para a identificação das principais características através de enunciados sobre o conceito e destacam sua operacionalização objetiva e subjetiva.

Com base nessas premissas, Oliveira e Aquino conceituam informação etnicorracial como sendo

todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana. (Oliveira, Aquino 2012, p.487)

A informação etnicorracial (com recorte para população afro-brasileira), contribuiria para a construção de memórias sobre a população afrodescendente e de alguma forma ajudaria a diminuir a discriminação racial. Nesse contexto, é importante salientar que negro é compreendido como categoria social, política e histórica. Informar passa pelo processo de compreender e construir uma identidade individual e coletiva no contexto dos espaços de conhecimento e saber, como os dispositivos culturais e as unidades de informação. Isso quer dizer que a informação etnicorracial somente seria completa se o processo de compreensão e de construção de identidades negras afro-brasileiras estivesse presente nos paradigmas científicos de pesquisa da Ciência da Informação, nos manuais pedagógicos de ensino da Biblioteconomia, nas competências profissionais dos bibliotecários e nas políticas de informação dos dispositivos e unidades de informação.

Somente assim o processo de informar seria responsável por reconstruir as memórias sociais e mudar percepções cognitivas acerca dos indivíduos negros na sociedade. Como afirma Cardoso (2010) está em curso uma “atualização epistemológica” do conceito de memória nas ciências sociais e na Ciência da Informação que vai além do expresso no dado e na informação do registro físico tradicional. Essa mudança paradigmática deve acontecer em todos os níveis e categorias informacionais, começando pelas políticas de informação. Ou seja, se a Ciência da Informação tem

como premissa o estudo do comportamento, das propriedades e dos efeitos da informação nos indivíduos, ela deve criar, como sugere Aquino (2010), políticas de informação para públicos específicos.

Afrocentricidade é um paradigma de aspectos metafísicos e cognitivos estabelecido em um aparato conceito próprio (Mazama 2009). Nesse sentido, a questão primordial que se deve apontar é, segundo Gomez (2016), como aplicar os conceitos de afrocentricidade a procedimentos como os de indexação, aquisição, desenvolvimento de coleções e mediação. As razões ontológicas e epistemológicas justificam-se num *corpus* de conhecimento afro-brasileiro em construção e que precisa ser incluído como um eixo paradigmático da Biblioteconomia e Ciência da Informação, especialmente para o ensino, a pesquisa e para a prática de novas formas de pensar.

MEMÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A memória é celebrada através de rituais que podem ser entendidos como fundamentais na coesão da comunidade afro-brasileira. Essas memórias são patrimônios constituídos e registrados em espaços de oralidade, manifestações simbólicas e corporais. Livros, pinturas e esculturas são objetos que representam o eurocentrismo e ganharam centralidade teórica e prática com os movimentos documentais. Resistir ao apagamento da memória afro-brasileiro passa, então, pelo duplo desafio de portar o registro e ser o suporte. Enquanto forma de transmissão, a oralidade comunica, mas o registro está no espírito e na força de resistência que foram suportados por coletivos étnicos.

Por ser um espaço de lembranças individuais e coletivas, a preservação de memórias é, de acordo com Cunha (2017, p. 80), uma “ação subjetiva” que deve considerar “experiência, proximidade e empatia que cada pessoa tem com o que é lembrado.” Dessa maneira, ao se pensar nas histórias e estratégias de rememoração através de patrimônios, é necessário considerar que o patrimônio começa e termina nas pessoas. Os patrimônios, sejam eles materiais ou imateriais, foram criados, definidos, esquecidos e lembrados por pessoas e é por isso que os atos e as ações de preservação da informação e do conhecimento não apenas estão relacionados, mas dependem da compreensão das diversidades inerentes aos *bens* patrimoniais.

O patrimônio, lembram Aguiar e Jesus (2019), é uma forma de perpetuação de saberes e tradições passadas, mas que precisa ser assegurado por uma “educação patrimonial”. Essa educação deveria ser construída por um *corpus* de conhecimento afro-brasileiro. Também estariam na categoria de patrimônio os ritos religiosos sacrificiais caso as manifestações de crenças africanas não fossem tão marginalizadas pelas narrativas que buscam apenas a conservação dos ideais de ordem e moral da nação. De acordo com Britto e Lima (2019), o patrimônio “não consagrado” constitui mais um espaço de problematização na relação entre Ciência da Informação e patrimônio e que precisa ser explorado nos campos de pesquisa da área.

O que as narrativas hegemônicas tentaram apagar e que áreas como Biblioteconomia e Ciência da Informação deveriam conhecer é a ciclicidade e a continuidade da cosmovisão africana, onde os saberes não se esgotam, são revividos e repassados de geração para geração. As memórias continuam, mantêm-se, mas apenas são de fato revividas quando são *faladas*, ou seja, quando trazidas para o espaço da oralidade. Para Cardoso e Nóbrega (2011), a oralidade é uma forma de resistência que quebra a norma euro-ocidental do silenciamento histórico-acadêmico e coloca em evidência novas histórias e registros para um desenvolvimento de coleções de narrativas.

Para a Organização da informação e do conhecimento, as narrativas precisam ser registradas em suportes físicos para que possam ser representadas, recuperadas e disseminadas em sistemas de informação. Sistemas de classificação, vocabulários controlados e vieses no processo de catalogação não abordam apropriadamente as informações étnico-raciais porque desconhecem os paradigmas do conhecimento afrocêntrico. Além do despreparo teórico e prático para lidar com pluralidades temáticas, o profissional da informação não conhece outras formas saberes válidos.

O desconhecimento ou o não reconhecimento de outras formas de saber contribui para que muitas informações sejam ignoradas no momento de atribuição de uma palavra-chave ou de um termo descritor. Não se trata de deixar de fazer a representação da informação, mas de atribuir outro sentido ao documento. “Substituir” Chaumier 1973, p.16), “comutar”, “traduzir” e “depurar” (Cintra, Tálamo, Lara, Kobashi 2002, p.33-36; Tartarotti, Dal’Evedove, Fujita 2017) e “colocar algo no lugar de” (Alvarenga 2003, p.20) são termos que fazem parte da definição de representação da informação. Para Chaumier (1988, p.63), “Uma indexação inadequada ou uma indexação insuficiente representam 90% das causas essenciais para a aparição de ‘ruídos’ ou de ‘silêncios’ em uma pesquisa.” Cunha (1989) chama de “grave” o problema da “linguagem e ideologia na transferência da informação africana”, onde conceitos são fixados e transferidos para os usuários. Como demonstram Miranda (2009) e Costa e Miranda (2019), em pesquisas sobre representação de conhecimentos afrodescendentes em religião e em umbanda na Classificação Decimal de Dewey, esse processo de “tradução” apresenta questões complexas e profundas que vão muito além de simples problemas de busca.

Relacionados à memória, silenciamento e esquecimento são temas frequentes na representação da informação e do conhecimento. Esquecimento pode ser entendido como um processo de “seleção” (Dodebei 2010; Holanda 2011), como algo “indispensável aos processos mnemônicos” (Almeida, Saldanha, Ribeiro 2016), como um “direito” (Rodrigues, Oliveira 2015). Por outro lado, o silenciamento na representação da informação e do conhecimento estaria um pouco distante de ter um caráter de “subversão” ou de não compartilhamento de “lembranças” (Pollak 1989) e mais próximo de ser uma ação de apagamento da memória informacional. Isso quer dizer que, além das violências físicas, existe uma violência linguística no processo de representação da memória da população negra que visa, intencionalmente, o apagamento dos saberes. Aqui, “apagar” não quer dizer “deixar no passado”, esquecer. Muitas vezes, a substituição é uma forma de silenciamento que, segundo

Orlandi (2007, p. 73 apud Cardoso 2010, p. 4), “se define pelo fato de que ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis”.

O silenciamento histórico de lutas, resistências e processos culturais da população negra, levou à compreensão de que apenas a Europa seria a base e o centro cultural do mundo. De acordo com Cardoso (2011, p. 42), “O reflexo dessa prática de silenciamento é a retirada do direito de todos os brasileiros de afirmar e se ver representados nos valores, saberes e tradições africanas e afro-brasileiras, bem como ocorreu, também, com a memória indígena.” Um dos exemplos desses silenciamentos está no fato de que os saberes populares e afro-brasileiros raramente, enfatiza a autora, eram encontrados em suportes ou em formas de representação em bibliotecas públicas.

O conhecimento pode ser ou parecer plural, porém, ainda assim, seguir hierarquizado e estereotipado. Um exemplo nesse sentido é dado por Santos, Costa, Barros e Vital ao identificarem que a definição da palavra folclore remete a estereótipos e figuras do imaginário vinculadas às lendas, invenções e mentiras. Para as autoras, “isso comuna na compreensão de que a visão de conhecimento se estrutura a partir da concepção europeia, branca e elitista e que relega ao negro condições de dominação cultural e ocultamento da sua identidade e da memória.” (Santos, Costa, Barros, Vital 2020, p.269)

Neste sentido, conhecimentos eurocêntricos seriam considerados mais relevantes em detrimento de outros saberes que, dentro de Ciência da Informação, implicaria, como mencionado, em uma representação limitada conhecimentos afrocêntricos nos instrumentos de organização. Quando as representações ocorrem, nem sem elas são favoráveis à cultura e ao conhecimento afro-brasileiro. A ideologia que está na base epistemológica dos sistemas de linguagem euro-americanos que ainda usados como referência no tratamento da informação é herdeira de um modo de pensar dominante e intolerante com os outros conhecimentos. O conhecimento relacionado à história e à cultura afro-brasileira tem sido negado ao longo do tempo por posições ideológicas que têm como objetivo manter a superioridade do conhecimento europeu. Ao mesmo tempo, esse é um ponto crítico que, como observado por Cunha (1987), está preso à linguagem. González (1988, p. 78), citando Molefe Kete Asante, diz que a linguagem deve contribuir para se entender a realidade e que, mesmo que seja “revolucionária”, ela não deve gerar “embriagues” ou confusão.

Nessa mesma linha, Lima e Almeida (2019, p. 4), dizem que “os conhecimentos são retratados de maneira marginal e sua população, em especial as de origem africana e indígena, é imaginada apenas como objeto da ciência ou inexistente. No pensamento ocidental, as culturas ditas tradicionais, são consideradas objetos da ciência”. Isso reforça a ideia de que os sistemas de organização do conhecimento podem determinar o lugar de um saber e de uma cultura, não apenas na hierarquia, mas no próprio contexto das comunidades científicas quando, ao invés de membros especializados tornam-se objetos de pesquisa de segunda ordem.

ACERVOS E BIBLIOTECAS

Na tentativa de analisar a Biblioteconomia e Ciência da Informação e seus instrumentos, toma-se a biblioteca enquanto dispositivo para estudos de caso e para estabelecimento de práticas de organização e desenvolvimento de ações culturais que objetivem trazer à tona subjetividades. Como visto, pode-se dizer que a biblioteca foi construída e mantida ao longo da história como um espaço elitizado, fomentado por ideais conservadores que buscavam guardar um conhecimento específico.

Por outro lado, também é com a biblioteca, com suas coleções e mediações que novos olhares para o conhecimento, a cultura e os rituais negros serão construídos. Se é na biblioteca que estão as coleções que tiveram as informações de seus documentos representadas pelos vieses dominantes de um eurocentrismo branco, então também é na biblioteca que se deve iniciar a construção de uma filosofia orientadora de novos conceitos que formarão novas categorias onde serão incluídos sistemas conceituais das linhas de pesquisa, das disciplinas e dos paradigmas do afrocentrismo.

Para Gomes (2016), a biblioteca deve ser um lugar de fundamental importância para a reconstrução da identidade negra e defende a inserção do conceito de *afrocentricidade* nos fazeres e no pensar de uma Ciência da Informação interdisciplinar. A afrocentricidade coloca a população negra no centro das discussões sobre o processo histórico de produção de conhecimentos e saberes, valorizando sua memória, cultura e ancestralidade para além do processo de escravização.

Sem esgotar o conceito e alertando para as dificuldades de uma definição, Asante (2009, p. 93) diz que *afrocentricidade* é “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.” Para o autor existem algumas características mínimas que podem ser apresentadas por um projeto afrocêntrico. De acordo com a reflexão aqui proposta, elas podem ser assim resumidas: localização psicológica: o indivíduo afrodiaspórico precisa entender sua identidade; reconhecimento do passado: só é possível o presente quando este indivíduo se reconhece no passado; valorização da cultura africana: como parte do patrimônio da humanidade; compromisso com o léxico: no sentido de desvelar e corrigir as distorções decorrentes do processo de escravização; compromisso com uma nova narrativa sobre a história da África e a sua relação com a Europa: esse olhar seria importante para pensar práticas e soluções para a Biblioteca enquanto espaço educacional.

A partir de articulações e mobilizações de movimentos sociais afro-brasileiros, foram aprovadas duas legislações importantes que modificam e potencializam as ações educacionais e informacionais. Em 2010 foi aprovado o Estatuto da Igualdade Racial e em 2012, a lei de reserva de vagas no ensino superior. A lei que versa sobre a obrigatoriedade de inclusão do tema *História e Cultura Afro-Brasileira* no ensino é de 2003. Porém, como demonstram Santana e Aquino (2009), Gomes (2016) e Valério e Silva (2017), os cursos de Biblioteconomia ainda não conseguiram desenvolver

adequadamente conteúdos curriculares que tratem da afrocentridade. O efeito disso é visível nas bibliotecas, com profissionais despreparados, acervos com coleções voltadas ao eurocentrismo, catálogos com omissões e preconceitos linguísticos, e processos de mediação da informação acríticos.

A Biblioteca não pode ser pensada separadamente da sociedade. Por ser uma instituição social, é construída com ideologias e formas de relacionamento existentes nas interações sociais (Cardoso 2011). Sendo assim, considerando as características da formação social brasileira, biblioteca também seria um espaço de perpetuação de racismo institucional e que precisa ser exposto, analisado e combatido por vias como os processos de respostas sociais (Brito, Esteves e Ventura, 2019/2020). Somente assim, em ações resistentes e críticas diante de situações nas quais se tenha a intenção de naturalizar desigualdades ou algum tipo de silenciamento, através do apagamento linguístico por exemplo, é que as bibliotecas ocuparão um espaço que lhes pertence, mas que ainda carece de força simbólica e identitária nos contextos políticos, informacionais e culturais da realidade afro-brasileira.

Nesse sentido, Silva e Fontes (2017, p. 200) dizem que “A educação das relações étnico-raciais envolve toda e qualquer discussão que busca a igualdade, principalmente nos ambientes educacionais.” Como espaço de leitura, informação e conhecimento, a biblioteca está relacionada intrinsecamente à educação étnico-racial. Para a realização de atividades educacionais a presença profissional e o uso de métodos tradicionais de mediação estariam limitados pela falta de uma coleção com a temática afro-brasileira (Tanus, Tanus 2018). Um exemplo de uma coleção voltada para essa temática é dado por Fonseca (2012 apud Alves 2015, p. 62):

O conceito adotado para a constituição do nosso acervo está voltado para livros, revistas, jornais, CDs e DVDs que estruturarão um espaço ambiente que tenha inclusive referências iconográficas, esculturas, etc que possam dar a dimensão de uma África e de Afrobrasilidade, porém não estilizadas, nem estandartizadas, nem folclorizadas, mas que projetem parte de suas culturas materiais, coletivas e cotidianas.

Ao relatar as doações e os processos de aquisição por meio de campanhas e permutas, Fonseca diz que o acervo é muito importante para as pesquisas locais, mas também para um público mais amplo, impactando positivamente diversas dimensões.

A existência deste acervo e desta sala temática é importante, pois causarão um impacto positivo de dupla dimensão: a) a possibilidade de se mensurar qualitativa e quantitativamente os títulos mais procurados e a frequência de pesquisadores, docentes, discentes estudando neste ambiente; b) a visibilidade do tema da sala ÁFRICA-AFROBRASILIDADES-DIÁSPORA NEGRA para aqueles que buscam obras de referência para suas pesquisas, sobretudo encontrando nela

exemplares de teses e dissertações defendidas por jovens pesquisadores vinculados aos grandes centros de pesquisas e universidades do país, mas que ainda não foram publicadas; c) a demonstração de que uma biblioteca, por contemplar uma diversidade de assuntos e temas, deve constituir elementos de diferenciação temática que leve uma mudança na apreensão da realidade social e cultural, de modo a propiciar um impacto positivo no universo educacional, científico e político desta e outras comunidades. É com este quadro que consideramos o valor simbólico e material da Sala de Cultura Africana: África-Afrobrasilidades-Diáspora Negra constituída a partir da seriedade em fazer a pesquisa acadêmica, o compromisso com a realidade social e a demanda histórica e a ousadia em ter na ação científica um lugar para cultivar o tempo e o labor. Será nela que os seus usuários terão um espaço de leitura e de registro cotidiano da experiência do aprender a apreender próprio dos olhos curiosos e atentos do pesquisador. (Fonseca 2012 apud Alves 2015, p. 64)

Portanto, como descrito por Fonseca e demonstrado por Cardoso (2010, 2011), Cardoso e Nóbrega (2011) e Lima, Silva, Costa, Silva e Souza (2018), é preciso que se invista na formação de acervos que retratem a história, a memória, a cultura e a contribuição africana e afro-brasileira na construção do Brasil e que destaquem a representatividade positiva desta população.

AFROCENTRISMO, BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

As importantes reflexões realizadas por autoras e autores aqui discutidos voltam-se, predominantemente, para o conhecimento afrocêntrico, as relações entre memória e patrimônio, a representação da informação e os acervos das bibliotecas. Construir e desmistificar a identidade negra são alguns dos objetivos para os quais a biblioteca pode contribuir. Os produtos culturais que pertencem à essa identidade não são especificados para além do que já se conhece como “patrimônio” afro-brasileiro. Talvez nem poderiam ser especificados pela falta de uma linguagem que pudesse expressar-se em enunciados sobre objetos da realidade negra.

Na organização e representação da informação e do conhecimento, por exemplo, fica evidente que esses dogmas e paradigmas limitadores vêm sendo trazidos à superfície a partir de análises cada vez mais rigorosas de toda a cadeia teórico-operacional do processo de tratamento de conteúdos documentais. As ausências e os apagamentos da memória cultural afrocêntrica são demonstrados, por exemplo, através de análises empíricas das notações das principais tabelas de classificação bibliográfica em uso há mais de um século.

Além disso, também fica evidente que as bibliotecas acumularam um conjunto de documentos majoritariamente eurocêntricos e foi para esses tipos e conteúdos documentais que quase toda teoria e prática bibliotecária também esteve voltada até bem recentemente. Como visto o descompasso entre as técnicas documentais tradicionais e as necessidades atuais é gigantesco.

Basta constatar a própria dificuldade do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação para entender e incorporar em contextos de ensino e trabalho conceitos fundamentais como os de identidade, diversidade e saber. A tendência da área era a de quase sempre se optar pelos conceitos genéricos dos termos “cultura” e “política”, por exemplo. Por outro lado, essa discussão tem avançado e graças aos pesquisadores e seus núcleos de pesquisa, que têm se desdobrado para questionar o campo e produzir conhecimentos que sirvam de referência para produções futuras, os estudos identitários estão sendo inseridos e desenvolvidos em linhas de pesquisa na universidade. Muitas dessas pesquisas estão preocupadas com o acesso à informação realizados pelos indivíduos que estão inseridos num contexto de desigualdades sociais e que sentem a necessidade de reconhecerem-se e conhecerem sua história.

Retomando o conceito de memória atrelado ao de informação e conhecimento, produzidos dentro de um núcleo social, bem como os produtos culturais produzidos a partir dessas interações, (documentos, monumentos, expressões) que representam ou tentam traduzir uma identidade, percebe-se que ele está implícito em todas as discussões. Ao falarem sobre *Afrocentricidade* e seus conceitos, ou utilizarem as leis institucionais, os autores, de alguma forma, evocam esse conceito de memória. A lei que versa sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira (Lei n.10639, de 9 de janeiro de 2003) abre uma gama de possibilidades para que profissionais da informação, em diversos contextos, possam traduzir essas proposições em ações como as de mediações culturais, inserção de atividades artísticas, desenvolvimento de metodologias educacionais (ainda não descritas ou metodologicamente explicitadas nas pesquisas).

É possível observar que as pesquisas trazem a ideia de apagamento e esquecimento não intencional que, porém, perpassam por uma ação teórica e metodologicamente orientada de escolha do que se mantém ou não, ou do que seria relevante ou não para expressar uma memória coletiva. Também investigam os mais diversos campos da Ciência da Informação e constataam a ausência de um olhar voltado para as diversidades na organização dos conhecimentos, de métodos e abordagens em instituições, de disciplinas que versam sobre a temática, de livros e outros objetos informacionais nas unidades de informação. Outras críticas e questionamentos ao campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação estão direcionados para a sua visão tecnicista, que não permitiu criar interlocuções com as pautas identitárias. A institucionalização do racismo e da discriminação é identificada desde a formação das universidades até o desenvolvimento de unidades de informação, muitas vezes nas práticas profissionais e organizacionais.

As pesquisas também explicitam a diversidade dos conhecimentos e propõem discussões que refletem como a memória poderia ser amplamente alocada nos espaços seja repensando políticas de patrimônio, ou até mesmo desenvolvendo novas formas de organizar essa informação. É interessante pensar que esse movimento atual de pesquisa se volta inicialmente a reiterar a importância e afirmar a existência destes conhecimentos, antes mesmo de classificá-los ou propor métodos.

CONCLUSÕES

A pesquisa buscou discutir questões sobre memória, patrimônio e conhecimento Afro-Brasileiro a partir da perspectiva da Ciência da Informação, ambiente de estudo do fenômeno da informação na sociedade. Dado o contexto sócio-histórico das desigualdades raciais fruto do processo de colonização e escravização, a população afro-brasileira não teria acesso garantido de suas memórias por dois motivos: pela falta de registro, pensando que muitos desses saberes não foram formalmente registrados, ou foram apagados da historiografia oficial, e pela desigualdade econômica contemporânea. Dessa forma, o desafio inicial da pesquisa residia na seguinte pergunta: como é possível preservar e difundir essas memórias, patrimônios e garantir o conhecimento afrocêntrico?

A partir desta pesquisa foi possível compreender e reiterar a hipótese sobre a problemática das desigualdades étnicas dentro da sociedade e os impactos que causam à difusão das memórias e acesso da população afro-brasileira. Há uma produção científica que é considerada restrita pelos próprios pesquisadores. Não é uma área muito consolidada, ainda não inseriu-se massivamente nas formações, nos métodos de organização e atuação profissional, oferecendo subsídios para estudantes e profissionais da informação pensarem e desenvolverem ações dentro da Ciência da Informação e não em áreas transdisciplinares.

As pesquisas que se teve acesso e que aqui foram analisadas são relevantes e fundamentais, pois marcam o início de investigações científicas que futuramente estarão amadurecidas e amplamente difundidas na academia. Um dos motivos desses avanços se deve à inserção gradual nas universidades de pessoas negras e de diversas origens que notam a ausência de temáticas que os tocam e ousam propor uma ruptura com o tradicional.

Portanto, olhar para o passado é uma ação objetiva para fazer o correto hoje. Não é apenas uma ação de reconstrução. É um ato de coragem para encontrar e desvelar o presente. É a busca da verdade que se dá, inicialmente, pelo encontro de olhares no vivido e, depois, pela narrativa da experiência com o real. O objetivo não é unicamente o de erradicar o racismo que, histórica e estruturalmente, permeia diversos setores da sociedade brasileira. Também não se imagina que somente a Ciência da Informação daria conta desta demanda. Mas, o que se pode afirmar é que o preconceito e a discriminação são perpetuados na área através da falta de linhas de pesquisa na pós-

graduação, de conteúdos disciplinares na graduação e de competências e habilidades profissionais sobre afrocentricidade e cultura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Niliane Cunha e JESUS, Juliana de, 2019. Gestão informacional do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe (MABS) e a salvaguarda do patrimônio cultural da cidade de Laranjeiras/SE. *Revista Fontes Documentais* [em linha]. 2019. vol. 2, no. 2, p. 7-23. [Acesso em 21 julho 2020]. Disponível em:

<https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/fontesdocumentais/article/view/439/352>

ALMEIDA, Tatiana, SALDANHA, Gustavo Silva e RIBEIRO, Ana Rosa Pais, 2016. Memória, esquecimento e recuperação da informação: contradição e dialética da práxis na organização do conhecimento. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Salvador, BA: UFBA. 2016. [Acesso em 13 abril 2021]. 17. Disponível em:

http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/3402/2016_GT2-CO_30.pdf?sequence=1

ALVARENGA, Lídia, 2003. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaço digitais. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação* [em linha]. 2003. no. 15, p.18-40. [Acesso em 12 abril 2021]. DOI <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2003v8n15p18>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18/5233>

ALVES, Ana Paula Meneses, 2015. História e memória por meio de coleções especiais: o caso da Biblioteca da Unesp/FCLAr. Em: *Acervos especiais: memórias e diálogos* [em linha]. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica. p.45-69. [Acesso em 14 abril 2021]. Disponível em:

<https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf#page=46>

AQUINO, Mirian Albuquerque e PEREIRA, Cleyciane Cássia Moreira, 2012. A presença das narrativas míticas de ancestralidade africana como elementos de informação e preservação da memória. *Ponto de Acesso* [em linha]. 2012. vol. 6, no. 2, p. 110-135. [Acesso em 01 julho 2020]. DOI <http://dx.doi.org/10.9771/1981-6766rpa.v6i2.4824>. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4824/4559>

AQUINO, Mirian Albuquerque, SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da e SILVA, Leyde Klébia Rodrigues da, 2014. Comunidades virtuais de música como subsídio para a construção da identidade afrodescendente. *Perspectivas em Ciência da Informação* [em linha]. 2014. vol. 19, no. 1, p. 75-89. [Acesso em 15 julho 2020].

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1807/1246>

AQUINO, Mirian de Albuquerque, 2010. Políticas de informação para inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural. *Inclusão Social* [em linha]. 2010. vol. 3, no. 2. [Acesso em 21 julho 2020]. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1629>

AQUINO, Mirian de Albuquerque, 2013. A inclusão afrodescendente na era da informação. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação* [em linha]. 2013. vol. 11, no. 2, p.61-75. [Acesso em 21 julho 2020]. DOI <https://doi.org/10.20396/rdbci.v11i2.1638>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1638/pdf>

AQUINO, Mirian de Albuquerque, COSTA, Antonio Roberto Faustino, WANDERLEY, Alba Cleide Calado, BEZERRA, Lebiã Tamar Silva, LIMA, Izabel França e SANTIAGO, Stella Moraes, 2007. A ciência em ação: o museu virtual de imagens da cultura africana e afrodescendente. *Inclusão Social* [em linha]. 2007. vol. 2, no. 1. [Acesso em 21 julho 2020]. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1587>

ASANTE, Molefi Kete, 2009. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Em: *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro. p. 93-110. (Sankofa: matrizes africanas na cultura brasileira; 4). [Acesso em 7 abril 2021]. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>

BASTOS, Flávia M. C, 2009. Art education in the spirit of Sankofa. *Art Education* [em linha]. 2009. vol. 62, no. 2, p. 5. [Acesso em 23 março 2021]. DOI <https://doi.org/10.1080/00043125.2009.11519005>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/27696323.pdf?refreqid=excelsior%3Ada723170bedbdfb69c9dcee209f1bdf>

BRITO, Rosaly, ESTEVES, Lorena e VENTURA, Jússia, 2019/2020. Mulheres negras não foram feitas para carregar livros: tensionamento e resposta social em rede na Feira Pan-Amazônica do livro no Pará. *Logeion: Filosofia da Informação* [em linha]. 2019/2020. vol. 6, no. 1, p.106-125. [Acesso em 14 abril 2021]. DOI <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p106-125>. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/122567>

BRITTO, Clovis Carvalho e LIMA, Kellen Josephine Muniz de, 2019. Sacrifício ritual nas religiões afro-brasileiras: reflexões sobre patrimonialização, memória e anarquivamento. *Informação & Informação* [em linha]. 2019. vol. 24, no. 3, p. 433-451. [Acesso em 13 julho 2020.]. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p433>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35621>

CARDOSO, Francilene do Carmo e NÓBREGA, Nanci Gonçalves da, 2011. A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Niterói, RJ: UFF. 2011. [Acesso em 17 julho 2020]. 12.

Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2187/A%20biblioteca%20-%20Cardoso.pdf?sequence=1>

CARDOSO, Francilene do Carmo, 2010. Memória, informação e identidade negra na biblioteca pública. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Rio de Janeiro, RJ: IBICT. 2010. [Acesso em 13 julho 2020]. 11. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/2226/Mem%c3%b3ria%20-%20Cardoso.pdf?sequence=1>

CARDOSO, Francilene do Carmo, 2011. *A biblioteca pública na (re) construção da da identidade negra* [em linha]. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense. [Acesso em 30 junho 2020]. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/10219/1/Diss_FrancileneCarmo.pdf

CHAUMIER, Jacques, 1973. Os sistemas documentais. Em: *As técnicas documentais*. Tradução de Jorge de Sampaio. Mem Martins, Lisboa: Publicações Europa-América. p.13-25

CHAUMIER, Jacques, 1988. Indexação: conceitos, etapas e instrumentos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* [em linha]. 1988. vol. 21, no ½, p. 63-79. [Acesso em 12 abril 2021]. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/388/362>

CINTRA, Anna Maria Marques, TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, LARA, Marilda Lopes Ginez de e KOBASHI, Nair Yumiko, 2002. Linguagens documentárias. Em: *Para entender as linguagens documentárias* [em linha]. São Paulo, SP: Polis. p.33-47. [Acesso em 3 abril 2021]. Disponível em: https://www.academia.edu/36146752/CINTRA_Para_entender_as_linguagens_documentarias.

COSTA, Deniz e MIRANDA, Marcos, 2019. A organização do conhecimento sobre umbanda e sua representação bibliográfica: uma análise exploratória a partir de registros bibliográficos. *Informação e Informação* [em linha]. 2019. vol. 24, no. 3, p.154-182. [Acesso em 12 abril 2021]. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p154>. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/134243>

CUNHA, Isabel Maria Ferin, 1987. Documentação africanista: linguagem e ideologia. *Ciência da Informação* [em linha]. 1987. Vol. 16, no. 1. [Acesso em 13 abril 2021]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/52847>

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo, 2017. Museus, memórias e culturas afro-brasileiras. *Revista do centro de pesquisa e informação* [em linha]. 2017. no. 5. [Acesso em 10 maio 2020]. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4e6f109d/d1c0/4350/953c/c36cbae0f9fc.pdf>

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Lousada de Mattos, 2010. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Rio de Janeiro, RJ: IBICT. 2010. [Acesso em 13 abril 2021]. 11. Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2185/Informa%a7%a3%a3%20-%20Dobedei.pdf?sequence=1>

GOMES, Elisângela, 2016. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina* [em linha]. 2016. vol. 21, no. 3, p. 738- 752. [Acesso em 12 junho 2020]. Disponível:

<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1216>

GOMES, Elisângela, 2018. Discursos insubmissos na diáspora negra. Em: *Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política* [em linha]. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários. p. 17-38. [Acesso em 15 abril 2021]. Disponível em:

https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_a60158077d374faa83975f7fd6328b30.pdf

GONZALEZ, Lélia, 1988. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro* [em linha]. 1988. vol. 92, no. 93, p. 69-82. [Acesso em 10 junho 2020]. Disponível em:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>

HOLANDA, Adriana Buarque de, 2011. *Memória e esquecimento na Ciência da Informação: um estudo exploratório* [em linha]. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco. [Acesso em 30 junho 2020]. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1330/1/arquivo7106_1.pdf

LIMA, Graziela dos Santos e ALMEIDA, Carlos Cândido de, 2019. Abordagens socioculturais na organização do conhecimento: subsídios teóricos para representação da cultura afro-brasileira. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Florianópolis, SC: Ancib; UFSC. 2019. [Acesso em 30 junho 2020]. 20. Disponível em:

<https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1451/835>

LIMA, Graziela dos Santos, SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da, COSTA, Amabile, SILVA, Andreia Sousa da e SOUZA, Gisele Karine Santos de, 2018. Africanizando os acervos: política de gestão de acervos para bibliotecas especializadas na temática afro-brasileira e africana. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* [em linha]. 2018. vol. 14, no. 3, p. 88-103. [Acesso em 30 junho 2020]. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1056>

LIMA, Valdir, 2015. Cultos Afro-Brasileiros na Paraíba: memória em construção. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia* [em linha]. vol. 10, no. 2, p 56-63. [Acesso em 15 junho 2020]. DOI <https://doi.org/10.22478/ufpb.1981->

0695.2015v10n2.25110. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/25110/13711>

MAZAMA, Ama, 2009. A afrocentricidade como um novo paradigma. Em: *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro. p. 111-127. (Sankofa: matrizes africanas na cultura brasileira; 4). [Acesso em 7 abril 2021]. Disponível em:
<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de, 2009. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. *Revista África e Africanidade* [em linha]. 2009. ano. 1, no. 4. [Acesso em 13 abril 2021]. Disponível em:
https://africaeafrikanidades.net/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.pdf

MUNANGA, Kabengele, 1990. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. *Revista de Antropologia* [em linha]. 1990. vol. 33, p. 109-117. [Acesso em 13 abril 2021]. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217/109498>

NASCIMENTO, Elisa Narkin, 2008. Sankofa: significados e intenções. Em: *A matriz africana no mundo*. São Paulo, SP: Selo Negro. (Sankofa: matrizes africanas na cultura brasileira; 1). [Acesso em 10 abril 2021]. Disponível em:
<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/a-matriz-africana-no-mundo-colec3a7c3a30-sankofa.pdf>

NASCIMENTO, Elisa Narkin, 2009. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro. (Sankofa: matrizes africanas na cultura brasileira; 4). [Acesso em 7 abril 2021]. Disponível em:
<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de e AQUINO, Mirian de Albuquerque, 2012. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. *Liinc em revista* [em linha]. 2012. vol. 8, no. 1, p.466-492. [Acesso em 13 junho 2020]. DOI <https://doi.org/10.18617/liinc.v8i2.453>. Disponível em:
<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3336/2943>

ORTOLAN, Luciana Pereira Vicente, SILVA, Marcio Ferreira da, ALVES, Roberta Caroline Vesu e MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel, 2017. *As temáticas sobre o negro na Ciência da Informação brasileira*. *Biblionline* [em linha]. 2017. vol. 13, no. 3, p. 14-29. [Acesso em 12 abril 2021]. DOI <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2017v13n3-35715>. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/49567>

OSEI, Elisabeth Abena, 2020. Wakanda Africa do you see? Reading black panther as a decolonial film through the lens of the Sankofa theory. *Critical Studies in Media Communication* [em linha]. 2020. vol. 37, no. 4, p. 378-390. [Acesso em 23 março 2021].

DOI <https://doi.org/10.1080/15295036.2020.1820538>. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/15295036.2020.1820538>

POLLAK, Michael, 1983. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos* [em linha]. 1983. vol. 2, no. 3, p.3-15. [Acesso em 13 abril 2021]. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>

RODRIGUES, Georgete Medleg e OLIVEIRA, Eliane Braga de, 2015. Memória e esquecimento no mundo virtual: os mesmos fios tecendo uma nova trama? *Liinc em Revista* [em linha]. 2015. vol. 11, no. 1, p. 91-105. [Acesso em 12 abril 2021]. DOI <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.786>. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/96439>

SANKOFA, 2016. Em: *Abdias do Nascimento* [em linha]. São Paulo, SP: ItaúCultural. [Acesso em 23 março 2021]. Disponível em:
<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>

SANTANA, Sérgio Rodrigues de Santana, OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de e LIMA, Izabel França de, 2016. Informação étnico-racial na memória da produção científica do grupo NEPIERE. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Salvador, BA: UFBA. 2016. [Acesso em 30 julho 2020]. 17. Disponível em:
<http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/4136/2377>

SANTANA, Vanessa Alves e AQUINO, Miriam de Albuquerque, 2009. A responsabilidade social e ética e a inclusão de afrodescendentes em discursos de profissionais da informação em universidade pública. *Biblionline* [em linha]. 2009. vol. 5, no. ½. [Acesso em 24 julho 2020]. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/3945/3110>

SANTOS, Andréia dos, COSTA, Amabile, BARROS, Camila Monteiro de e VITAL, Luciane Paula, 2020. Representação terminológica da população negra em tesouros. *Informação & Informação*. [em linha]. 2020. vol. 25, no. 1, p. 254-275. [Acesso em: 24 julho 2020]. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2020v25n1p254>. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35453>

SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da, SEVERO, Ronhely Pereira e AQUINO, Miriam de Albuquerque, 2013. Imagens de exclusão de negros/as em produção de conhecimento nas universidades públicas. *Ponto de Acesso* [em linha]. 2013. vol. 7, no. 3, p. 78-92. [Acesso em 30 junho 2020]. DOI <http://dx.doi.org/10.9771/1981-6766rpa.v7i3.8175>. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/8175/6937>

SILVA, Andréia Souza da e FONTES, Sandra Regina, 2017. Diversidade étnica na biblioteca e a aplicação da lei nº 10.639/03. *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação* [em linha]. 2017. vol. 4, no. 1, p. 199-214. [Acesso em 28 julho 2020]. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/72/pdf>

SILVA, Andréia Souza da e KARPINSKI, César, 2018. O contexto informacional dos núcleos de estudos afro-brasileiros: analisando o facebook como uma fonte de informação étnico-racial. *Liinc em revista* [em linha]. 2018. vol. 14, no. 2, p.276-294. [Acesso em 28 julho 2020]. DOI <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v14i2.4288>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4288/3951>

SILVA, Andréia Souza da e LIMA, Graziela dos Santos, 2019. Construindo a visibilidade da cultura negra: ações socioeducativas para combater o racismo nos espaços informacionais. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina* [em linha]. 2019. vol. 24, no. 2, p. 333-344. [Acesso em 28 julho 2020]. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1614>

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês, PIZARRO, Daniela Câmara e SALDANHA, Gustavo Silva, 2017. As temáticas africana e afro- brasileira em biblioteconomia e ciência da informação. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Marília, SP: Ancib; Unesp. 2017. [Acesso em 28 julho 2020]. 18. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/125069>

SOARES, Cecília C. Moreira, 2017. Memória afro, identidade, territorialidade e espaços museais. *Cadernos de Sociomuseologia* [em linha]. 2017. vol. 53, no. 9, p. 123-134. [Acesso em 15 junho 2019]. DOI <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.53.06>. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5890>

STRINGER-STANBACK, Kynita, 2019. From slavery to college loans. *Library Trends* [em linha]. 2019. vol. 68, no. 2, p. 316-329. [Acesso em 24 março 2021]. DOI <https://doi.org/10.1353/lib.2019.0041>. Disponível em: <https://muse-jhu-edu.ez67.periodicos.capes.gov.br/article/746750/pdf>

TANUS, Gustavo e TANUS, Gabrielle Francinne de S. C, 2018. As bibliotecas públicas e a importância da formação e desenvolvimento dos acervos de literatura afro-brasileira. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Londrina, PR: Ancib; UEL. 2018. [Acesso em 20 julho 2020]. 19. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/927/1668

TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal'Evedove, DAL'EVEDOVE, Paula Regina e FUJITA, Mariângela Spotti Lopes, 2017. Concepções de docentes brasileiros sobre o ensino da análise de assunto. Em: *Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento* [em linha]. Recife, PE: Ed. UFPE. p.111-119. (Estudo Avançados em Organização do Conhecimento, v.4). [Acesso em 12 abril 2021]. Disponível em: <http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/livro-ISKO-2017.pdf>

TEMPLE, Cristel N, 2010. The emergence of Sankofa practice in the United States: a modern history. *Journal of Black Studies* [em linha]. 2010. vol. 41, no. 1, p. 127-150. [Acesso em 22 março 2021]. DOI <https://doi.org/10.1177/0021934709332464>. Disponível

em: <https://journals-sagepub-com.ez67.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/0021934709332464>

VALÉRIO, Erinaldo e SILVA, Dávila Maria Feitosa, 2017. Discutindo as relações raciais: os trabalhos de conclusão de curso em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – UFCA. *Rebecin: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação* [em linha]. 2017. vol.4, p.132-145. [Acesso em 14 abril 2021]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/87084>

WYNTER-HOYTE, Kamaniam e SMITH, Mukkaramah, 2020. “Hey, black child. Do you know who you are?” Using african diaspora literacy to humanize blackness in early childhood education. *Journal of Literacy Research* [em linha]. 2020. vol. 52, no. 4, p. 406-431. [Acesso em 23 março 2021]. DOI <https://doi.org/10.1177/1086296X20967393>. Disponível em: <https://journals-sagepub-com.ez67.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1086296X20967393>